



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**GABRIELA ZCHROTKE DA SILVA**

**“JÁ NÃO TEREMOS OUTRO MUNDO”:  
MEMÓRIA, TRAUMA E TEMPO NO LIVRO *VOZES DE  
TCHERNÓBIL*, DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH**

**Brasília, outubro de 2021**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**GABRIELA ZCHROTKE DA SILVA**

**“JÁ NÃO TEREMOS OUTRO MUNDO”:**  
**MEMÓRIA, TRAUMA E TEMPO NO LIVRO *VOZES DE***  
***TCHERNÓBIL*, DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH**

**ORIENTADOR: PROFº. DR. DANIEL BARBOSA ANDRADE DE FARIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em História.

**Brasília, 2021**



**“JÁ NÃO TEREMOS OUTRO MUNDO”:  
MEMÓRIA, TRAUMA E TEMPO NO LIVRO VOZES DE TCHERNÓBIL, DE SVETLANA  
ALEKSIÉVITCH**

**Banca Examinadora**

Profª. Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria – PPGHIS/UnB  
(Orientador)

Profª. Dr. André Pereira Leme Lopes – HIS/UnB  
(Membro)

Ma. Isabela Gomes Parucker – (Membra)



*No hospital, nos últimos dias, eu levantava a mão dele e os ossos se moviam, dançavam, se separavam da carne. Saíam pela boca pedacinhos do pulmão, do fígado. Ele se asfixiava com as próprias vísceras. Eu envolvia a minha mão com gaze e a enfiava na boca dele para retirar tudo aquilo... É impossível contar isso! É impossível escrever sobre isso! E sobreviver... E tudo isso era tão querido... Tão meu...*

Liudmila Ignátienko, esposa do  
bombeiro falecido Vassíli  
Ignátienko

*O tempo mordeu o próprio rabo,  
o início e o fim se tocaram.*  
Svetlana Aleksiévitich

*O cronista que narra  
profusamente os  
acontecimentos, sem distinguir  
grandes e pequenos, leva com  
isso a verdade de que nada do  
que alguma vez aconteceu pode  
ser dado por perdido para a  
história.*

Walter Benjamin

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Elaine e Jolival, que me escutaram falar por anos sobre assuntos que não os interessavam, mas que mesmo assim prestaram atenção (ou fingiram muito bem). Agradeço ao meu irmão, Matheus, que sempre entende minhas piadas, e que praticamente me forçou a terminar logo essa monografia para que pudéssemos voltar a ver televisão.

Agradeço aos meus amigos, todos. Agradeço à Marília, que me conhece melhor do que qualquer pessoa e ainda assim continua falando comigo. Agradeço à Ana, que me acompanhou ao longo de todo o curso, entendeu minhas ideias brilhantes e riu comigo quando elas inevitavelmente davam errado. Agradeço à Daniela, a pessoa mais inteligente e mais engraçada que eu conheço, e que me ensinou milhares de coisas lindas. Agradeço também ao Pedro, ao José, ao Erin, à Nathália, à Nayla, ao Eli e ao Chrystian - meus amigos que eu amo demais.

Agradeço aos professores do departamento, que me deram o espaço e a motivação para estudar como eu sempre quis. Agradeço especialmente ao Daniel, meu professor orientador, que me entendeu e me ajudou quando eu pensei que já estava enlouquecendo completamente e que tudo que eu queria era impossível.

Agradeço aos meus escritores e artistas favoritos, que me inspiram todos os dias: Walter Benjamin, Mark Fisher, Ursula le Guin, Terry Pratchett, Angela Carter, Leonard Nimoy, Richard Linklater, Fiona Apple, Wong Kar-Wai, Nick Cave, Phoebe Waller-Bridge e tantos outros. Agradeço ao dono da banquinha de água de coco que fica na quadra da minha casa. Agradeço à padaria da minha quadra, que sempre tinha o sorvete cornetto snickers, meu favorito. Agradeço à minha psicóloga, que me ajudou imensamente. Agradeço ao restaurante Mendonça's, que sempre me entrega marmitas gostosas e quentinhas. Agradeço aos atores e escritores de Star Trek Deep Space 9. Agradeço ao Library Genesis e ao Sci-Hub, que me permitiram piratear todos os livros e textos que eu precisei ao longo da graduação.

Por fim, agradeço aos meus gatos, Walter (também conhecido como Meu Gatão Amado Minha Alma Gêmea) e Ivan (o Pançudo), e faço uma menção especial ao gato Suga, que várias vezes subiu no teclado do computador para tentar me ajudar na escrita. Tenho certeza que se eles soubessem falar, teriam diversos comentários e críticas a fazer sobre essa monografia.

Contudo, considerando a possibilidade vocal da sua espécie, vou reproduzir aqui o que eles me dizem todo dia, sempre repletos de amor: miau!



## RESUMO

Este trabalho busca analisar os relatos presentes no livro Vozes de Tchernóbil, de Svetlana Aleksievitch, a fim de entender o impacto que a explosão do reator número 4 de Tchernóbil em 1986 teve em seus sobreviventes. Através desses relatos, investiga-se a forma como a radiação modifica as narrativas temporais da Modernidade contemporânea e como a catástrofe de Tchernóbil funciona como ponto chave para compreender a força da ação humana sobre o planeta Terra, e as consequências dessa força na maneira como as pessoas atribuem significado a suas próprias experiências de vida e na percepção de que a humanidade futura já não é mais imortal. Ademais, procura-se aqui enfatizar a importância do testemunho enquanto forma de sobrevivência da memória e de organização do trauma.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tchernóbil, Tempo, Memória, Radiação, História Oral.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the testimonies presented in the book Voices from Chernobyl, by Svetlana Aleksievich, in order to understand the impact that the explosion of reactor number 4 in Chernobyl in 1986 had on its survivors. Through these reports, we investigate how radiation modifies the temporal narratives of contemporary Modernity and how the Chernobyl catastrophe works as a key point to understand the force of human action on planet Earth, and the consequences of this force in the way people attach meaning to their own life experiences and in the realization that future humanity is no longer immortal. Furthermore, we seek to emphasize the importance of testimony as a form of memory survival and trauma organization.

**KEY WORDS:** Chernobyl, Time, Memory, Radiation, Oral History.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 – TEMPO E RADIAÇÃO</b>	<b>4</b>
<b>CAPÍTULO 2 – A VIDA HUMANA</b>	
<b>2.1 – AS OUTRAS VIDAS: OS ANIMAIS, AS FOLHAS E AS ÁRVORES</b>	<b>14</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>24</b>
<b>FONTES</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>25</b>

## INTRODUÇÃO

Eu chorei quando li Vozes de Tchernóbil pela primeira vez, em 2017. Não sei porquê - eu não costumo chorar lendo. Mas esse livro me pegou. Não só eu chorei quando terminei, mas eu demorei a terminar, e foram mais ou menos umas três semanas lendo. Minha tia até comentou: “nossa, Gabi, você tá há um tempão com esse livro por aí, ele não deve ser muito bom...”. Na época eu não consegui expressar que, na verdade, era o contrário: o livro era bom demais. Tchernóbil estava começando a me assombrar, e eu não conseguia ler antes de dormir, ou em momentos de descontração. Quando eu terminei, eu sabia que não queria só continuar com a minha vida normalmente - eu queria fazer algo sobre esse tema.

O que primeiramente me atraiu para esse livro enquanto objeto de pesquisa era querer fazer a mesma coisa que a Svetlana Aleksievitch fez. Eu queria ouvir a história da vida das pessoas. Para mim, é simples: as lembranças das pessoas são extremamente importantes. Mas eu descobri (ao vivo, diga-se de passagem) que conduzir entrevistas é mais difícil do que parece e que eu, sozinha, neste momento, não conseguiria sair pelo mundo entrevistando pessoas sobre um determinado tema a fim de escrever uma monografia — o que pode parecer óbvio, mas não é, pelo menos não para mim, pois eu tenho o tipo de idiotice que faz com que eu ache que consigo fazer qualquer coisa, não importa quantas vezes eu quebre a cara. É o meu charme. Então, tendo descoberto minhas próprias limitações, eu decidi escrever sobre o que os entrevistados da Svetlana Aleksievitch disseram.

A razão pela qual eu escolhi Tchernóbil, e não algum dos outros excelentes livros dessa mesma autora, é que eu tenho mais medo desse tema do que dos outros. Eu tenho medo da radiação, e, ao mesmo tempo, eu sou fascinada por ela. Eu também tenho um interesse profundo por catástrofes ambientais, ou seja, situações nas quais as ações humanas causaram um dano irreversível a algum local, e esse dano afetou o modo como as pessoas se relacionavam com aquele ambiente. Como muitas dessas catástrofes estão profundamente conectadas com uma visão de progresso tecnológico utilitarista, os vestígios que restam para serem analisados pelos historiadores são maiores e mais complexos do que apenas a destruição do que existiu — restam também ali os fantasmas de todos os futuros que não aconteceram.

Esses fantasmas estão muito presentes em todos os trabalhos de Aleksievitch, mas se destacam principalmente em Vozes de Tchernóbil. O livro foi publicado pela primeira vez em 1997

em russo, e é a culminação de um trabalho de dez anos, ao longo dos quais a autora entrevistou mais de 500 testemunhas. No dia em que o reator número 4 explodiu, ela estava trabalhando como jornalista em Minsk, no que então era a parte bielorrussa da União Soviética, a menos de 400 quilômetros de distância de Tchernóbil. Sua vida é, portanto, parte dessa história — ela também é uma testemunha. Em 2015, Aleksiévitich ganhou o Nobel de Literatura por sua obra completa.

A maior crítica a sua obra refere-se à precisão histórica de seus livros. Por mais que a própria autora não se considere uma jornalista investigativa, mas sim uma autora de “literatura documental” — um tipo de escrita que busca na ficção e na poesia uma maneira descrever a realidade histórica<sup>1</sup> —, muitos ainda a acusam de interferir com os relatos a fim de moldar o significado e a narrativa final de seus livros (PINKHAM, 2016). Contudo, partindo da ideia de que o papel da história não é refletir o mundo real da maneira mais fiel possível, mas tentar entender e explicar o que os seres humanos fazem, utilizando uma linguagem que busca não o meramente factual, mas sim o que é verdadeiro (JABLONKA, 2018), o trabalho de Aleksiévitich mantém não apenas sua veracidade mas possui também grande valor historiográfico. Portanto, a questão não é se o conteúdo se apresenta enquanto fonte documental inquestionável. O livro existe, e foi lido, e a autora ganhou o prêmio Nobel: ele criou uma estrutura de significado para o acontecimento de Tchernóbil. Minha intenção é analisar esses relatos e a estrutura narrativa presente neles não tomando o conteúdo do livro como realidade factual absoluta, mas entendendo que esse conteúdo merece a seriedade de uma análise historiográfica, cuja preocupação vai muito além de peneirar o “real” do “inventado”. Afinal, “a história não é uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa em busca de significado” (JABLONKA, 2018, p. 111).

Para fazer isso, foram organizados dois capítulos. No primeiro está o evento da explosão do reator número 4, a radiação que foi lançada pelo reator, e o modo como o contato com a radiação mudou como os sobreviventes organizavam narrativamente o tempo e a história. Já no segundo capítulo, o foco é o trauma relacionado ao espaço de Tchernóbil, à desfamiliarização da natureza e à dificuldade dos sobreviventes em terem agência sobre suas próprias narrativas. Obviamente,

---

<sup>1</sup> Aleksiévitich não é a primeira a escrever “literatura documental”. O estilo pode também ser visto na obra de Alexander Soljenitsin, escritor de “Arquipélago Gulag” e ganhador do Nobel de Literatura em 1970, e de Ales Adamovich, escritor bielorrusso e famoso por seus escritos sobre a Segunda Guerra Mundial e pelo roteiro do filme *Come and See* (1985).

muitos relatos e temas tiveram que ser deixados de lado (por enquanto), mas os capítulos apresentados formam uma narrativa completa.

*Vozes de Tchernóbil* é, enquanto fonte histórica, um material extremamente rico. É um livro que sustenta a si mesmo, e não precisa ser explicado ou mastigado, e não é a intenção aqui fazer um mero rearranjo de relatos. De fato, a riqueza do livro é também um desafio para a escrita, e me causou várias vezes o sentimento de que não há nada que possa ser acrescentado, e de que qualquer trabalho que seja feito seria apenas falar academicamente por cima dos sobreviventes. Contudo, ao considerar a visão de Michel de Certeau (1998) sobre os leitores — que seriam como viajantes que circulam por campos alheios pegando coisas que não escreveram — e sua expansão nas obras de Henry Jenkins (2015) sobre cultura participativa, que colocam os leitores como participantes cruciais no processo de construção e circulação de significados em um texto, essas inseguranças sobre a abordagem da fonte foram se atenuando. Estudar e escrever sobre um tema é um ato de atenção e cuidado para com esse tema, e tudo que nasce a partir desse estudo colabora para infundir mais vida no assunto. A intenção é que este trabalho não seja, portanto, puramente derivativo da fonte, mas também transformativo no sentido em que cria conexões e ideias novas a partir dos relatos já apresentados por Aleksiévitich (2016).

Afinal, talvez o trabalho do historiador seja também esse: escutar, amar e entender o ser humano e seu passado, criando o espaço para que o que antes era indizível possa ser expressado, e para que nenhuma história seja considerada insignificante.

Fomos obrigados a assinar um papel. Um compromisso de não divulgar nada. Eu mantive o silêncio. E se me deixassem falar, a quem eu poderia contar? Imediatamente depois do Exército, fui considerado inválido de segundo grau. Aos 22 anos. Trabalhava numa fábrica. O chefe da seção me dizia: “Para de ficar doente, senão vamos te despedir”. E realmente me despediram. Fui falar com o diretor: “Você não tem o direito de fazer isso. Estive em Tchernóbil. Salvei vocês. Defendi todos vocês!”. “Nós não te mandamos para lá.”

À noite, acordo com a voz da minha mãe: “Filhinho, por que você se cala? Você já não dorme, deita de olhos abertos. Até a luz você deixa acesa”. Eu me mantive calado. Quem estava disposto a me ouvir? A falar comigo de maneira que eu pudesse contar, na minha língua, do meu jeito?

Estou só...

(Relato de um dos liquidadores de Tchernóbil, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 119)

## 1. RADIAÇÃO E A RUPTURA DO TEMPO

Então, para que as pessoas recordam? [...] Fui à zona de Tchernóbil. Já estive lá muitas vezes. E lá eu entendi que era impotente. Que não compreendo. E esse sentimento de impotência está me destruindo. Porque não reconheço esse mundo. Tudo nele mudou. Até o mal é outro. O passado já não me protege. Não me tranquiliza. Não dá respostas. Antes sempre dava, agora não mais. O futuro me arruína, não o passado. (Relato de Piotr S., psicólogo, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 57)

Existe uma pergunta que me assombrou ao longo de todo o curso de História, e que na minha opinião deve assombrar a maioria dos historiadores: qual o papel da História ao lidar com a catástrofe? Veja bem, eu não estou falando de acidentes, desastres naturais ou qualquer outro evento que deixe vítimas e cause devastação e trauma coletivo. A catástrofe, do grego *katastrophe* (kata-, ‘para baixo’, e -strophein, ‘virar’), é uma reviravolta que altera radicalmente as condições de um ambiente de modo que se torna impossível se voltar a viver como antes, visto que toda a lógica que organizava aquele mundo também foi alterada. É algo além de um acaso infeliz — é um processo cumulativo com um desfecho violento que já poderia ter sido previsto, marcado por uma sequência de eventos que possui uma lógica de causalidade mas falha em apresentar um significado (SEIXAS, 2018).

O que aconteceu na Usina Nuclear de Tchernóbil em abril de 1986 foi mais do que um mero acidente — foi uma catástrofe. Hoje existem diversas análises que se propõem a entender a série de erros, acidentes e falhas que levaram o reator nº 4 a explodir<sup>2</sup>, mas explicações técnicas não são suficientes para dar conta do imenso impacto que a radiação teve na vida das pessoas e na sua forma de enxergar a realidade. Como comentam muitos dos sujeitos entrevistados por Aleksievitch (2016), perdeu-se ali todo um mundo e já não era mais possível voltar ao passado que se compreendia, pois a própria realidade deixou de fazer sentido frente ao completamente inesperado.

Muitos podem argumentar, contudo, que o encontro com o inesperado e a ruína de um sistema histórico de significado não é exclusividade da catástrofe de Tchernóbil — e que, de fato, essa seria a experiência definidora da modernidade<sup>3</sup>. O historiador Reinhart Koselleck já introduzia

---

<sup>2</sup> O relatório feito pela Agência Internacional de Energia Atômica em 1993 continua sendo uma importante fonte de informação quanto ao funcionamento dos reatores nucleares da usina de Tchernóbil e quanto aos eventos que levaram à explosão. Esse relatório pode ser acessado em inglês em [https://www-pub.iaea.org/MTCD/publications/PDF/Pub913e\\_web.pdf](https://www-pub.iaea.org/MTCD/publications/PDF/Pub913e_web.pdf).

<sup>3</sup> Ver Marshall Berman. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

essa discussão ao descrever a ideia de espaço de experiência e horizonte de expectativa (KOSELLECK, 2006), colocando que até parte do século XVIII era plausível assumir que o futuro (o horizonte das expectativas humanas) não seria muito diferente do passado (o espaço que guarda a experiência, tanto individual quanto coletiva). Ou seja: “nada de essencialmente novo poderia em princípio ocorrer” (KOSELLECK, 2006, p. 34). E, se o amanhã não é diferente do ontem, aprender sobre o que aconteceu no passado seria uma boa maneira de se preparar para o futuro, uma noção que ainda se mantém viva no clichê de que “estuda— se história para que não se repitam os mesmos erros”. A modernidade, porém, traz consigo a novidade e diferencia o futuro e o passado. O acontecimento de eventos imprevistos e inesperados torna-se uma experiência cotidiana — contudo, esses acontecimentos ainda são considerados frutos do passado, ou ações contínuas que geram variações contínuas (POMIAN, 1993). Conseqüentemente, o conceito moderno de história não dá conta de compreender eventos como Tchernóbil, nos quais a própria estrutura de sentido do mundo (e, conseqüentemente, a história) é destruída.

É verdade que a catástrofe que ocorreu naquela noite de abril não foi o primeiro acidente nuclear grave a ocorrer. Em 1979, o núcleo de um reator nuclear na usina de Three Mile Islands, EUA, derreteu, espalhando elementos radioativos na atmosfera. Esse acidente, que foi considerado o pior acidente nuclear até então, inspirou o sociólogo Charles Perrow a escrever em 1984 seu livro “*Normal Accidents: living with high-risk technologies*”, no qual ele propõe sua teoria do *acidente de sistema* ou *acidente normal*, que é definido por uma “interação inesperada de diversas falhas” (PERROW, 1999, p. 70) em um sistema complexo que pode levar a uma catástrofe. Quanto mais complexo o sistema, mais provável é a ocorrência desse tipo de acidente, que não possui um único culpado e que é praticamente impossível de evitar dada a quantidade de fatores envolvidos. Segundo Perrow, o que aconteceu em Three Mile Islands foi um acidente normal — mas não o que aconteceu em Tchernóbil. Em um artigo publicado em 2012, o autor coloca que

Nenhum desses dois acidentes [Fukushima e Tchernóbil] foram “acidentes normais” e, portanto, impossíveis de prevenir. Um acidente normal é quando todos tentam ao máximo manter a segurança, mas uma interação inesperada de duas ou mais falhas (por conta da complexidade da interação) causa uma cascata de falhas (por causa das especificidades de cada objeto). A combinação de complexidade e

especificidade vai derrubar o sistema, não importa quais sejam as medidas de segurança. [...] <sup>4</sup>

Tchernóbil era, ao seu ver, um problema esperando para acontecer graças a disfunções administrativas, que foram agravadas pela complexidade e especialidade do sistema. Ele não está errado. Afinal, a explosão do reator nº 4 ocorreu justamente durante um teste de segurança que já estava atrasado havia anos e que foi conduzido em condições muito abaixo das ideais: o reator, do tipo soviético RBMK-1000, estava no fim de seu ciclo de abastecimento, o que significa que o urânio-235 presente no núcleo estava se esgotando e causando uma reação em cadeia que produzia diversos subprodutos radioativos que, por sua vez, tornavam o funcionamento do reator muito mais difícil de controlar e muito mais instável. Além disso, o teste foi marcado para às 23h e deixado sob o encargo dos técnicos e operadores do turno da noite, que possuíam menos experiência com a execução desse tipo de procedimento. Foi nesse turno que um pequeno erro aconteceu <sup>5</sup>: os operadores, ao inserirem as hastes de controle <sup>6</sup> no reator, foram fundo demais, o que desacelerou a reação a ponto de impedir que o sistema de bombeamento de água funcionasse, visto que não havia energia o suficiente. Esse foi o momento crítico no qual a operação deveria ter sido interrompida — mas não foi, sob ordens do supervisor encarregado, Anatóli Diátlov, vice engenheiro-chefe da usina. Na tentativa de elevar o fluxo de energia para resolver a situação, as hastes de controle foram retiradas, o que desestabilizou completamente o reator. Quando a instabilidade do núcleo foi percebida, as hastes foram reinsertadas por completo a fim de parar qualquer reação que estivesse ocorrendo. Contudo, o grafite presente nas hastes fez com que o núcleo, que já estava instável e envenenado pelos elementos radioativos liberados pelo esgotamento do urânio, aumentasse de temperatura drasticamente, travando as hastes e causando uma reação em cadeia que culminou na explosão catastrófica do núcleo.

Compreendendo os fatores que levaram ao acidente de Tchernóbil, é possível entender porque esse é considerado o pior acidente nuclear da história da humanidade. Até então, não se

---

<sup>4</sup> Charles Perrow. Getting to Catastrophe: Concentrations, Complexity and Coupling. *The Montréal Review*, dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.themontrealreview.com/2009/Normal-Accidents-Living-with-High-Risk-Technologies.php>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2021.

<sup>5</sup> Até hoje há controvérsia quanto à natureza do erro: se foi humano ou se foi uma falha no equipamento. Ambos os engenheiros responsáveis por operar as hastes, Aleksandr Akimov e Leonid Toptunov, morreram no hospital menos de 20 dias após a explosão.

<sup>6</sup> Nesse modelo de reator, as hastes de controle são imensos cilindros de boro com pontas de grafite. Sua função é controlar a velocidade da reação nuclear que ocorre no centro do reator.



pensava ser possível que o núcleo de um reator nuclear explodisse, dada todas as medidas de segurança existentes — o próprio acidente em Three Miles Islands envolveu apenas um derretimento do núcleo. A emissão radioativa causada por uma explosão é muito mais difícil de controlar do que outros tipos de ocorrências. E isso sem levar em conta que a usina de Tchernóbil simplesmente não possuía um sistema de contenção para material radioativo em caso de acidentes (MEDVEDEV, 1990).

Além dos eventos ligados à explosão em si, há de se considerar também o modo como essa catástrofe afetou tanto suas vítimas imediatas (os trabalhadores da usina) quanto a população da cidade de Prípiat, que era a mais próxima ao reator e abrigava os trabalhadores de Tchernóbil e suas famílias. A ordem de evacuação da cidade veio 36 horas depois da explosão, e o aviso inicial foi de que as pessoas poderiam retornar para suas casas após três dias. Mal houve tempo de fazer malas, e móveis, carros, relíquias de família e animais de estimação foram deixados para trás.

Vivíamos em Prípiat, junto à central nuclear, ali nasci e cresci. Num grande edifício de painéis pré-fabricados, no quinto andar. As janelas davam para a central. Era 26 de abril. Muitos juravam ter ouvido a explosão. Não sei... na minha família, ninguém notou. De manhã, acordei como de costume e me preparei para ir à escola. Ouvi um zumbido. Pela janela, vi um helicóptero voando sobre o nosso edifício. Ah! Terei o que contar na classe! Como eu poderia saber que teríamos apenas dois dias daquela nossa vida? Tínhamos apenas dois dias... os últimos dois dias da nossa cidade. Prípiat já não existe. O que sobrou já não é nossa cidade.

[...] Nós eramos educados de forma a entender que o perigo só poderia vir da guerra: explosões de um lado, explosões do outro. E aqui se tratava de um incêndio comum que deveria ser debelado por bombeiros comuns... [...] Ninguém acreditava que não voltaríamos mais. Não era possível que as pessoas não voltassem mais para casa. A minha cabeça girava e a garganta ardia. As mulheres mais velhas não choravam, choravam as mais jovens. A minha mãe chorava.

(Relato de Kátia P., em: ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 146-152)

Os relatos dos sobreviventes ajudam a entender o modo como a catástrofe de Tchernóbil gerou um trauma que rompeu suas narrativas e percepções sobre o tempo e a realidade. Outro conceito que é de grande ajuda na compreensão do impacto dessa catástrofe é o de *evento sem precedentes*, apresentado por Zoltán Simon em seu livro *History in Times of Unprecedented Change* (2019). O ponto central da ideia elaborada por Simon (2019) está na diferença entre um acontecimento que é simplesmente novo e um acontecimento que é realmente *sem precedentes*. Enquanto o que é novo — ou seja, diferente do passado — pode tornar-se algo familiar ao ser inserido em um contexto de significado (exemplificando: tal evento é novo, mas também é apenas

a culminação de um longo processo), o evento sem precedentes é uma novidade que rompe com o passado e cria um vão entre passado e futuro grande o suficiente para que esses pareçam cada vez mais completamente desconectados. Essa desconexão faz com que o passado se torne tão distante que ele deixa de poder informar tanto os eventos futuros quanto o próprio presente. É um evento, portanto, que rompe com as continuidades variáveis da história moderna e muda as regras do jogo, tornando o futuro não só algo imprevisto, mas algo completamente inimaginável.

Para as pessoas que viviam em Prípiat e em outras cidades e vilarejos que compunham o que hoje chama-se de zona proibida, Tchernóbil foi um evento sem precedentes. O trauma de ter que abandonar suas casas e o luto pelos entes queridos foi agravado pela decisão estatal de não informar a população sobre o que estava acontecendo, tornando a evacuação um ato autoritário mal compreendido — afinal, dizia-se até então que a explosão na usina era apenas um incêndio comum. Portanto, apesar da evacuação ser extremamente necessária, o modo como ela foi empreendida foi um grande fator no sentimento de impotência e confusão que permeia as memórias dos sobreviventes:

Nós deixávamos Prípiat e na nossa direção marchavam colunas de soldados. De blindados. Naquele momento eu tive medo. Não entendia nada e sentia medo. Mas a sensação de que aquilo não estava acontecendo comigo e sim com outras pessoas não me abandonava. Uma sensação estranha. Eu chorava, procurava comida, onde passar a noite, abraçava e acalmava meu filho, mas dentro de mim havia não uma ideia, mas a constante impressão de ser uma espectadora. (Nadiéjda Petróvna Vigóvskaia, evacuada da cidade de Prípiat, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 245)

Foi esse sentimento, juntamente com a incapacidade de conceber que o mesmo átomo que antes trazia energia para toda a cidade agora era a radiação que poderia matar silenciosamente, que deu início a uma quebra na percepção temporal da população.

A percepção temporal de uma determinada cultura informa tanto como eles enxergam o passado (individual e coletivo) quanto como se preparam para o futuro, seja através da criação de instrumentos de pensamento como o calendário até a consideração de certos eventos como marcos históricos que devem ser lembrados ou esquecidos (RICOEUR, 1997). Durante a Guerra Fria, a percepção de tempo ancorava-se profundamente na ideia de progresso. Para o lado capitalista, progresso rumo a uma dominação econômica e ideológica mundial; para o lado soviético, progresso, através do aparelho estatal, rumo ao comunismo. Ambos apoiavam-se na ideia de uma dominação racional e tecnológica da natureza, e nenhum dos dois teve qualquer diferença de

princípio em sua busca por energia para sustentar suas indústrias e para garantir um avanço tecnológico constante. O progresso transfigura o tempo em uma seta que move-se infinitamente para frente, numa marcha incessante que passa a ser entendida como uma regra definidora da existência humana — algo dito inevitável e ao qual o ser humano deve se subjugar (AGAMBEN, 2008).

A imaginação coletiva do povo soviético, ancorada nessa concepção de progresso e na propaganda estatal, era capaz de imaginar um futuro no qual ocorresse uma guerra atômica ou um atentado por sabotagem. Esse tipo de situação era parte de seu repertório cultural, uma vez que apenas uma geração separava as vítimas de Tchernóbil daqueles que lutaram e sobreviveram à Segunda Guerra Mundial, e a lembrança da guerra era parte da vida comum. Eles estavam, portanto, preparados cultural e psicologicamente para lidar com um inimigo externo que causasse devastação, pois entendia-se que, mesmo que essa situação e esse conflito fossem aparentemente novos, eles estariam em sintonia com eventos anteriores já vividos e contados por boa parte da população:

Quando explodiu o reator, a minha mãe ainda estava viva; ela repetia: “O pior, filho, nós já passamos. Sobrevivemos ao bloqueio. Nada pode ser pior”. É o que ela pensava. [...] Nós nos preparávamos para uma guerra, para uma guerra atômica, construíamos abrigos atômicos. Queríamos nos proteger do átomo como nos defendíamos do estilhaço de um projétil. Mas o átomo está por toda parte... No pão, no sal... Respiramos radiação, comemos radiação... O fato de ficarmos sem pão e sal, de comermos qualquer coisa, de chegarmos ao ponto de cozinhar um cinto de couro em água apenas para sentir o cheiro, tudo isso eu podia compreender. Mas isso não. Que tudo estava envenenado... (Relato de Nikolai Prókhorovitch Járkovi, professor, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 169)

Contudo, a explosão do reator número 4 e a subsequente contaminação de toda a área em volta por material radioativo surpreendem qualquer tentativa de encaixar estes acontecimentos numa narrativa familiar. Esse não foi um evento causado por intervenções externas, ou mesmo a mando do Estado soviético: foi um acontecimento que ninguém imaginava ser possível. A explosão também escancara a decadência do estado soviético em sua busca por dominação tecnológica — o átomo que antes se acreditava completamente domado agora se virava contra a própria população. Aqui está uma primeira camada de quebra temporal: parece que o passado já não tem qualquer conexão com o futuro: prepara-se o tempo todo para um ataque nuclear, mas quando o ataque ocorre, não é um ataque, mas sim um acidente sobre o qual não se tem qualquer controle ou

qualquer plano de reação. O governo deixa a população mais afetada desinformada, e as notícias oficiais não são suficientes. Não há no que se amparar: como pode o progresso permitir que tal tipo de situação ocorra? Consequentemente, a ação humana é vista como cada vez mais de significado nulo para um futuro que é de sofrimento aleatório. Não se pode confiar no Estado, não se tem mais o apoio da vida em comunidade por conta da evacuação, e, por fim, não se pode confiar no próprio ambiente, pois a água, a grama, o ar, a terra — tudo está contaminado pela radiação:

O meu marido chega de uma reunião no colcoz e diz: “Amanhã vão nos evacuar.” E eu pergunto: “E as batatas? Ainda não as colhemos, não tivemos tempo.” O vizinho bate à porta e os dois começam a beber, ele e o meu marido. Depois de beber foram brigar com o chefe do colcoz: “Não vamos e ponto final. Passamos pela guerra e agora isso de radiação. Nem que você nos enfie na terra. Não vamos!”.

Tchernóbil é a pior de todas as guerras. O homem não tem salvação em parte alguma. Nem na terra, nem na água, nem no céu.

Esse já é outro mundo... Tudo é diferente... A culpa é da radiação ou de quem? Como ela é? Vai ver, mostraram-na em algum filme. Você viu? Ela é branca ou o quê? De que cor? Uns contam que ela não tem cor nem cheiro, outros contam que é negra. Como a terra! Se não tem cor, é como Deus: está em todo lugar, mas ninguém vê.

[Relatos de moradores da aldeia Biéli Biéreg, do distrito de Narovliáski, da região de Gómel, zona extremamente afetada pela radiação, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 68-86]

Tchernóbil opera em uma dimensão tão drástica para os sobreviventes que corta uma linha que impede que se retome a narrativa do passado. O tempo acelerou-se tanto que se rompeu, e nem o tempo natural é confiável, pois até o ritmo das plantas e dos animais foi afetado pelos agentes radioativos expelidos na explosão. Um dos relatos apresentados acima compara a radiação a Deus, mas também é possível dizer que ela opera como um anjo bíblico: ela atravessa todas as ruínas, incontrolável e impassível, impelida pelos ventos do progresso e abrindo um vão entre futuro e passado; criando uma rasgo no próprio tempo. O ser humano também já não opera na natureza da mesma maneira:

Um dos aspectos que marca a condição sem precedentes de Tchernóbil é a extensão, tanto espacial quanto temporal, do dano causado pelos agentes radioativos. Nos 10 dias que seguiram a

explosão, 5% do material do núcleo ( $4 \times 10^{19}$  Bq)<sup>7</sup> foi espalhado pelo ambiente, contaminando o hemisfério norte como um todo. Após a extinção do incêndio que ainda ardia e queimava o grafite do reator, o nível de emissão radioativa começou a diminuir. Contudo, no final de maio, praticamente um mês após a explosão, as doses de radiação emitidas diariamente continuavam imensas — maiores do que o total de radiação emitido no acidente de Three Mile Island em 1979 (MEDVEDEV, 1990). Apenas em outubro, com a construção da primeira<sup>8</sup> cobertura de concreto (popularmente conhecida como sarcófago) para confinamento do reator, cessou-se a emissão de novos radionuclídeos no ambiente. Mais de 130 mil pessoas foram permanentemente evacuadas da região, e o tempo necessário para que a área em torno da usina torne-se habitável novamente e para que a radiação residual deixe de ser danosa ao ser humano é incerto: segundo Igor Gramotkin, atual diretor da Usina Nuclear de Tchernóbil, a região permanecerá inabitável pelos próximos 20 mil anos (HARRELL; MARSON, 2011).

Como pode a vida humana compreender a extensão de 20 mil anos? É uma eternidade. A meia-vida de um radionuclídeo opera num nível cósmico, não se importando com as narrativas humanas — de fato, não é difícil imaginar que essas emissões radioativas tornem-se, no futuro, a única memória sobrevivente da espécie humana. Afinal, é necessário encarar a questão de que o uso da fissão nuclear, seja para fins militares ou puramente energéticos, traz consigo a capacidade de destruição não só de um pequeno número de indivíduos, mas da humanidade como um todo — fazendo acontecer neste planeta o que antes era possível apenas em estrelas como o Sol. Essa capacidade e a possibilidade do fim da vida na Terra abre um novo horizonte de expectativa: o futuro deixa de ser um campo de ação do ser humano enquanto indivíduo ou sociedade e passa a ser o local onde operam forças cosmológicas e incompreensíveis. Como coloca Dipesh Chakrabarty em seu ensaio *O Clima da História: Quatro Teses*, “os seres humanos exercem agora uma força geológica [...], de escala igual àquela liberada nas vezes em que houve extinção em massa das espécies” (CHAKRABARTY, 2013, p. 10). A eternidade — que nesse caso é 20 mil anos — torna-se algo já definida e condenada por esse peso cosmológico, paralisando a possibilidade individual de imaginar mudanças e de criar novas narrativas e deixando os

---

<sup>7</sup> Becquerel, ou Bq, é a unidade que mede a atividade de um radionuclídeo.

<sup>8</sup> Uma nova estrutura de confinamento foi construída sobre a primeira em 2016.

sobreviventes de Tchernóbil à deriva entre um passado que não os abraça mais e um futuro que os imobiliza.

Essa imobilização do futuro manifesta-se de diversas formas — tanto na meia-vida dos agentes radioativos, quanto no trauma físico e geracional que os sobreviventes têm que carregar. No livro de Aleksiévitich, diversas mães relatam sentimentos intensos e conflituosos quanto à possibilidade de engravidar: medo de a criança nascer “inválida”; culpa por qualquer patologia que os filhos possam apresentar; inveja de outras mulheres que não viveram em Tchernóbil; e, por fim, vontade de formar uma família mesmo assim. Afinal, não é possível prever a maneira específica como a radiação irá influenciar na saúde dessa população e de seus descendentes. O trauma e o medo são contínuos. Dessa forma, é possível dizer que a radiação opera, então, como o espelho material do trauma psicológico causado pela catástrofe, enquanto é, ao mesmo tempo, a razão do trauma. Um dos liquidadores entrevistados por Aleksiévitich coloca: “Ao regressar do Afeganistão, eu sabia que iria viver! Mas Tchernóbil é o contrário: você morre justamente quando já está em casa” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 110).

Por fim, é exatamente na “volta para casa” que a radiação colabora para o aumento dessa sensação de estar à deriva da narrativa histórica. A marca de Tchernóbil permanece em seus sobreviventes através da radiação e torna-se um obstáculo para a construção de uma nova vida normal. Há que se pensar que todas as pessoas que foram evacuadas de suas casas tiveram que tentar se realocar e restabelecer em algum novo local — contudo, a expectativa de que a vida siga como sempre foi causa uma dissonância entre a experiência do dia a dia e o conhecimento de que a radiação ainda está ativa. É como se o fim do mundo ocorresse, e no dia seguinte todos ainda tivessem que levantar, ir ao trabalho e continuar vivendo, ainda que numa realidade que já não possui mais significado.

A nossa vida gira em torno de uma só coisa: Tchernóbil. Onde você estava, a que distância do reator vivia? Quem viu? Quem morreu? E quem foi embora? Para onde? Lembro que nos primeiros meses os restaurantes ficaram apinhados, se ouvia a balbúrdia das festas. “Só se vive uma vez”. “Se vamos morrer, que seja com música”. E enchiam-se de soldados, oficiais... Tchernóbil agora já não nos deixa... Um dia, morreu inesperadamente uma jovem grávida. Sem diagnóstico algum, nem sequer o patologista deu o diagnóstico. Uma menina se enforcou. Do quinto ano. Assim, sem mais nem menos. Os pais ficaram loucos. O diagnóstico era o mesmo para todos: Tchernóbil; quando acontecia algo, todos diziam: Tchernóbil. E ainda nos censuravam: “Vocês adoecem porque têm medo. Por medo. Radiofobia”. Se é assim, porque crianças pequenas adoecem e morrem? Não

conhecem o medo, ainda não entendem nada. (Relato de Nina Konstantínovna, professora, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 165)

Todavia, a catástrofe de Tchernóbil e as maneiras como seus sobreviventes lidaram com o trauma não possui apenas uma face. Tchernóbil é, a despeito do nível cósmico no qual age a radiação, uma história profundamente humana. Se o tempo e a narrativa histórica são rompidos, o que resta? Resta o que Aleksiévitich chama de “história omitida” — os relatos do cotidiano que serão esquecidos pela história dita “oficial” e as experiências pessoais das testemunhas da catástrofe. Ou seja, restam seres humanos e suas memórias, por mais extinguíveis que ambos sejam.

O mecanismo do mal seguirá funcionando no Apocalipse. Isso eu entendi. As pessoas continuarão bisbilhotando e adulando os seus chefes para salvar a sua televisão e o seu casaco de pele. E no fim do mundo, o homem será o mesmo que é agora. Sempre. (Relato de Serguei Gúrin, operador de câmera cinematográfica, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 160)

Para os que sobreviveram à radiação, essa é a questão que permanece: onde há lugar para as memórias que ficam? Como articular uma narrativa dos eventos, e como mostrar que aqueles que passaram por Tchernóbil não são fenômenos radioativos nem contos de terror, mas pessoas comuns? Deve haver um espaço na história para essas pessoas — que cometem erros, que amam, que matam, que se arriscam e, acima de tudo, que lembram.

## 2. A VIDA HUMANA

Houve um tempo... houve um tempo em que eu invejava os heróis. Aqueles que tinham participado dos grandes acontecimentos, que viveram épocas de ruptura, momentos de reviravolta da história. Falávamos e cantávamos sobre eles. Havia canções muito bonitas. (...) Eu sonhava! Lamentava não estar lá em 1917 ou em 1941. Hoje penso de outra forma: eu não quero viver a história, no tempo histórico. A minha pequena vida ficaria imediatamente sem defesa. Os grandes acontecimentos a esmagariam sem sequer notá-la. Sem se deter. (*Fica pensativa.*) Depois de nós, restará apenas a história. Restará Tchernóbil. E onde está a minha vida? O meu amor? [Nina Prókhorovna Kovaliova, esposa de um liquidador, p. 270]

Lidar com o tema das catástrofes é também, inevitavelmente, lidar com os sobreviventes dessas catástrofes, e as histórias e memórias que esses sobreviventes carregam consigo. Paul Ricoeur, em seu livro *Tempo e Narrativa*, coloca que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo” (RICOEUR, 1994, p. 85). Ou seja, ao vivenciar o tempo e os acontecimentos, os indivíduos e a sociedade atribuem-lhes sentido através de narrativas. Nessa perspectiva, Tchernóbil é uma história humana e uma história sobre a humanidade. Contudo, um dos aspectos mais marcantes dos relatos presentes no livro de Svetlana Aleksievitch é exatamente essa dificuldade de articular o tempo e a catástrofe de Tchernóbil em uma narrativa histórica. Por mais que as histórias contadas pelos sobreviventes sejam variadas e permeadas por amor, raiva, luto, tristeza e desilusão, elas ainda são tidas, tanto pelo mundo quanto pelas próprias testemunhas, como experiências insignificantes — alienadas das narrativas históricas estatais, mais preocupadas com glória, monumentos e grandes nomes. Como declara Arkádi Fílin, um dos liquidadores entrevistados, “você não ouvirá nada de heroico, nada digno da pena de um escritor” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 132).

Esse sentimento de estar à margem do tempo narrativo e de ter sido esquecido pela história não é exclusivo de um único relato. Nos últimos trinta e cinco anos desde a explosão do reator e da evacuação das cidades vizinhas, Tchernóbil tem sido analisada por cientistas, jornalistas e historiadores com as mais diversas agendas e intenções. Todavia, analisar o evento não é a mesma coisa que ouvir as suas testemunhas. Um estudo minucioso sobre as causas e consequências técnicas da catástrofe possui grande valor, mas é historicamente incompleto se não levar em consideração a vida e as experiências das pessoas que trabalhavam na usina, que viviam na cidade ou que foram chamadas para apagar as chamas radioativas. Para essas pessoas, Tchernóbil “não é



uma metáfora ou símbolo, mas a sua casa” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 40). Suas vidas e suas memórias, portanto, não são meros detalhes — são o coração do acontecimento.

Em suas teses “Sobre o conceito de história”, Walter Benjamin elabora sua alegoria mais famosa, na qual descreve como seria o anjo da história:

Ele tem seu rosto voltado para o passado. Onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é essa tempestade.<sup>9</sup>

Essa imagem é especialmente útil para interpretar os relatos dos sobreviventes de Tchernóbil. Partindo dela, é possível entender a história não como uma marcha gloriosa de progresso rumo a um Paraíso e à Felicidade Universal, mas sim como uma tempestade sem fim que oprime e amassa aqueles que estão embaixo dela — as pessoas comuns. Essa catástrofe, segundo Benjamin, não é o estado de exceção no triunfo da Modernidade, mas sim a base na qual a Modernidade se sustenta. Acima de tudo, a Modernidade só pode existir nesse estado de exceção — ele é a regra oculta. Tendo essas concepções em mente, a sensação de alienação da narrativa histórica elaborada pelos sobreviventes de Tchernóbil pode ser vista não apenas como insatisfação por não se sentir incluído na história que eles viam como oficial (o reconhecimento do Estado, os nomes nos livros de história, a permissão para falar sobre o trauma sofrido), mas entendida principalmente como a percepção extremamente lúcida e dolorosa de que, na marcha do progresso, suas vidas fazem parte dos escombros deixados para trás. Muitos comentam, por exemplo, sobre ser o mesmo “átomo” aquele que provê a energia e aquele que contamina e destrói cidades inteiras, enquanto a ciência, antes uma prova da superioridade soviética e do progresso rumo à felicidade, revela-se mais uma ferramenta para o massacre.

Dei à luz duas semanas antes do previsto. [...] Pelo aspecto, parecia um bebê saudável. Bracinhos, perninhas... Mas tinha cirrose. No fígado havia 28 roentgen, e uma lesão congênita no coração. Depois de quatro horas, me disseram que ela tinha morrido. E me falaram de novo: “Nós não vamos dar o corpo dela”. “Como não vão me dar o corpo?! Sou eu que não o darei a vocês! Vocês querem tomar a minha filha para a ciência, pois eu odeio a sua ciência! Odeio! A sua ciência já levou o meu marido e agora quer mais... Não darei! Eu mesma a enterrarei. Ao lado dele...” (Relato de Liudmila Ignátienko, esposa do bombeiro falecido Vassíli Ignátienko, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 34)

<sup>9</sup> BENJAMIN, 1940 apud LÖWY, 2005. In: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 87

Para o historiador que, assim como Benjamin, acredita que o trabalho historiográfico não deve distinguir entre acontecimentos ou indivíduos “grandes” e “pequenos” (LÖWY, 2005), é clara a importância de ouvir e prestar atenção aos relatos dos sobreviventes. Contudo, por mais que a premissa da escuta e da rememoração seja vital, o modo como esses relatos são coletados e a relação criada entre entrevistado e entrevistador, objeto de pesquisa e historiador, testemunha e autor é também uma parte intrínseca do processo e que não deve ser ignorada. É nessa relação que se diferencia um ato de rememoração que serve somente à melancolia ou ao fascínio mórbido de um trabalho que busca trazer sentido e energia para as próprias testemunhas. É mais interessante, portanto, abordar essa questão da importância do testemunho e da história não de um ponto de vista que diz apenas “é preciso dar voz aos sobreviventes” e que cai, por vezes, num interesse condescendente pelo sofrimento humano, mas sim procurando entender as situações de agência e de impotência que marcam e moldam as falas das pessoas que viveram em Tchernóbil.

Essa sensação de impotência, conectada à sensação de não ter controle sobre a própria narrativa, é bem exemplificada por uma das testemunhas do coro da cidade de Górmel: “Vêm pessoas aqui... Fazem filmes com a gente, mas nós nunca vamos ver” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 78). Nesse aspecto, o historiador Paul Ricoeur, já citado anteriormente, traz a ideia de “violência interpretativa”<sup>10</sup>, que, de maneira simplificada, descreve uma escrita que parte do princípio de que não há sentido no mundo, apenas na narrativa. Qualquer um que parta dessa suposição, ainda que sem saber, está se colocando na posição de organizador da realidade. Isso não é, por si só, algo condenável — de fato, só é possível compreender a vida e o tempo através das diversas narrativas que o ser humano cria para si mesmo em seu dia a dia. Ademais, a construção de qualquer texto exige a pressuposição de uma determinada realidade. Contudo, há que se considerar que essas narrativas podem ser utilizadas de formas violentas, principalmente se no lugar de fazer jus a uma realidade, busca-se enterrá-la.

A ideia é especialmente relevante ao comparar os testemunhos presentes no livro de Aleksiévitich, o modo como elas descrevem sua realidade e sua relação com aquele ambiente, com outros documentários e livros sobre o tema. Existe uma tendência, que pode ser vista de maneira quase histriônica em filmes como *Chernobyl — Sinta a Radiação* (2012), em apresentar a cidade

---

<sup>10</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, tomo I. Campinas: Papyrus Editora, 1994, p. 112-114.

de Prípiat, assim como a zona em torno de Tchernóbil, como um local completamente abandonado, selvagem, estranho e mau<sup>11</sup>. Pouco se fala sobre os sobreviventes — a implicação é praticamente de que ninguém poderia sobreviver ao que aconteceu lá. Não existe faceta humana. Filmes como esse, bem como documentários de baixo orçamento e vídeos sensacionalistas, acabam por informar boa parte do conhecimento popular sobre Tchernóbil e sedimentar a visão da catástrofe que ocorreu ali como algo que já passou e *já morreu* (não é à toa que Prípiat é hoje conhecida como uma *cidade fantasma*<sup>12</sup>, e a estrutura construída para conter o reator 4 recebeu o apelido de *sarcófago*). Todavia, os relatos demonstram que a memória e a dor de Tchernóbil ainda são coisas vivas:

Mas o meu projeto é o museu. O museu de Tchernóbil. Se bem que às vezes me parece que não será um museu, e sim um departamento fúnebre. Eu presto serviço no comando funerário. Esta manhã, eu ainda não tinha tido tempo de tirar o paletó quando a porta se abriu e entrou uma mulher que, mais que soluçar, gritava: “Fiquem com as medalhas, com todos os diplomas! Fiquem com as compensações! Mas devolvam o meu marido!” Gritou por um bom tempo. Largou por lá as medalhas e os diplomas. Bem, irão para uma vitrine do museu... As pessoas poderão vê-los... Mas os gritos, os gritos dela, ninguém mais além de mim escutou, e sempre que me referir a esses documentos me lembrarei deles. (Relato de Serguei Vassílievitch Sóboliev, diretor da Associação Republicana “Escudo para Tchernóbil”, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 215)

Essa visão de Tchernóbil como um local inóspito e doentio também é aprofundada através de dois casos: a recente popularidade de Prípiat como ponto para *dark tourism* e a crença, que permanece desde a época da explosão, de que os sobreviventes e ex-moradores de Tchernóbil são “aberrações” que podem “contaminar” outras pessoas.

*Dark tourism* é uma forma de turismo na qual visitam-se lugares historicamente marcados por morte, tragédias ou sofrimento humano em geral, tal como Auschwitz e Tchernóbil (ISAAC; ÇAKMAK, 2013). O objetivo dessas visitas pode ser tanto educacional quanto uma experiência de adrenalina e contato próximo com a morte. Em Prípiat, por exemplo, é comum a presença de “stalkers”: turistas, sejam eles locais ou estrangeiros, que invadem a Zona de Exclusão com o objetivo de chegar o mais próximo possível do centro da cidade e dos reatores desativados<sup>13</sup>. Esse tipo de atividade, além de ilegal, é extremamente perigosa — é necessário percorrer a pé diversos trechos que ainda são extremamente radioativos. Entretanto, a maior parte da atividade turística

---

<sup>11</sup> Utiliza-se aqui o adjetivo “mau” não num sentido cristão ou moral, mas para denotar algo que causa mal-estar.

<sup>12</sup> Essa nomenclatura, contudo, denota uma tensão que confirma o poder das memórias dos sobreviventes: uma cidade fantasma pode estar vazia de pessoas vivas, mas continua sendo habitada pelos espectros daqueles que sofreram ali. Nada está realmente vazio.

<sup>13</sup> Ver as filmagens e os relatos presentes no documentário *The Babushkas of Chernobyl*, de 2015.

atual em Tchernóbil é feita através de agências e guias de viagem autorizadas pelo governo. Passeios assim são anunciados e divulgados geralmente com chamadas sensacionalistas em redes sociais - um bom exemplo é a guia turística ucraniana Nataly Tereshchenko, que divulga visitas à Prípiat em seu TikTok<sup>14</sup> @chernobyl\_guide. Em um de seus vídeos, intitulado *Creepy Places of Pripyat* (Lugares Assustadores de Prípiat), uma música lúgubre e desacelerada toca no fundo enquanto ela mostra, com uma lanterna, os berços abandonados de uma das antigas creches de Prípiat. Muitos deles ainda possuem travesseiros e brinquedos. A legenda diz: “As creches abandonadas de Prípiat são muito assustadoras. Você gostaria de visitar durante a noite?”.

Eu não quero fazer comércio com a desgraça. Filosofar. Para isso eu teria que tomar partido. E eu não posso. Diariamente ouço o que dizem, como se lamentam e choram. Gente boa, vocês querem saber a verdade? Sentem-se ao meu lado e anotem. Mas ninguém vai ler um livro assim...

É melhor não nos perturbar. Nós temos que viver aqui. (Relato de Arkádi Pávlovitch Bogdankévitch, médico rural, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 164)

O outro lado da questão, e um lado que sem dúvida é afetado por essa reputação de “local tétrico” que Tchernóbil carrega, é o modo como os sobreviventes são vistos pelo resto do mundo, e o estigma que eles também carregam. Muitos contam das dificuldades que tiveram ao reconstruir sua vida em outra região, relatando que eram vistos como contagiosos, doentes e portadores de “mutações genéticas”. Mais uma vez, o corpo contaminado pela radiação aparece tanto como a materialização de um trauma imaterial quanto como o catalisador de novas situações traumáticas. Essas experiências de exclusão social fazem parte das memórias de vários grupos, desde os jovens liquidadores até as crianças que foram realocadas para fazer tratamentos médicos após a catástrofe:

Nos levavam para uma região perto de Leningrado. Lá, quando nos aproximávamos das estações as pessoas se benziam e olhavam de longe. Tinham medo do nosso trem. E em cada estação, lavavam todo o trem. Uma vez, numa parada, descemos do vagão e fomos a uma cantina; não deixaram mais ninguém entrar depois de nós: “Aqui tem umas crianças de Tchernóbil tomando sorvete”. A cantineira falava pelo telefone: “Depois que forem embora, vamos lavar o chão com cloro e ferver os copos”. E nós estávamos escutando.

Uns médicos nos receberam. Estavam com máscara antigás e luvas de borracha. Tiraram toda nossa roupa, todas as coisas, até envelopes, lápis e canetas, puseram tudo em sacos plásticos e enterraram no bosque.

Nós ficamos tão assustados que depois, durante muito tempo, ficávamos esperando o momento em que começaríamos a morrer. (Relato de uma das crianças de Tchernóbil, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 341)

---

<sup>14</sup> TikTok é um aplicativo para a criação e compartilhamento de vídeos curtos. Atualmente é um dos aplicativos mais utilizados no mundo, e seu público alvo é de pessoas entre 15 e 30 anos.

Todas essas experiências e esses testemunhos vão na contramão da tese proclamada pelos filmes e pelas agências turísticas. Ao atentar-se à face humana da história, uma verdade é revelada: Tchernóbil não é uma zona vazia. Não é vazia não apenas porque nenhum lugar é vazio de significado para as pessoas que ali viveram, mas também porque esse significado foi entalhado no ambiente e está presente em cada coisa deixada para trás. Tchernóbil é cheia de memórias, e essas memórias estão associadas ao espaço - os cemitérios, as casas, as ruas e os jardins. Segundo uma moradora da aldeia Biéli Biéreg, da região de Górmel, nos dias da evacuação “as pessoas escreviam o nome nas casas. Nas vigas, nas cercas. No asfalto.” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 69). A Zona de Exclusão foi, sim, palco de uma catástrofe e de muito medo - mas, antes disso, era um local amado. E, para alguns, era o único lugar possível para se viver.

No início do livro de Aleksiévitich, há vários testemunhos de pessoas que ainda residem na Zona. Atualmente, existem cerca de 130 residentes (BEZPIATCHUK, 2018). Algumas são refugiadas que não conseguiram se estabelecer em outro lugar<sup>15</sup>, mas muitas são pessoas idosas que desejam voltar para onde cresceram e viveram a maior parte de sua vida. Esse é o caso das entrevistadas do documentário *The Babushkas of Chernobyl* (As Avós de Tchernóbil), lançado em 2015. Nele acompanha-se a vida de várias senhoras, *babushkas*, que vivem sozinhas na Zona de Exclusão. De tempos em tempos, funcionários do governo as visitam para avaliar o nível de radiação presente no solo, nas casas e também para conduzir exames gerais de saúde. Esse auxílio, contudo, nem sempre é suficiente. As *babushkas* ainda vivem em uma situação muito precária - tendo praticamente sido deixadas para viver junto com a natureza, muitas já estão morrendo.

Além dessa pequena população, há também a natureza de Tchernóbil. Após a evacuação, em alguns anos a Zona tornou-se praticamente um santuário para a vida selvagem. Essa natureza, contudo, não ficou imutável perante os acontecimentos humanos.

## 2.1 AS OUTRAS VIDAS: OS ANIMAIS, AS FLORES E AS ÁRVORES

Uma vez, mostrei meus filmes de Tchernóbil a algumas crianças. [...] Um menino, com a voz entrecortada, vermelho de vergonha, um desses meninos mais tímidos, que falam pouco, perguntou: “E por que não puderam ajudar os animais que estavam ali?”. Como assim, por quê? Nunca havia me ocorrido essa pergunta. E não pude responder. A nossa arte só trata do sofrimento e do amor humano, e não de tudo que é vivo. Só do homem! Não nos rebaixamos até os animais e as plantas. Não vemos o outro mundo. Porque o homem pode destruir tudo. Matar tudo. Agora isso já não é nenhuma fantasia. Eu soube que nos

---

<sup>15</sup> Ver os relatos apresentados nas páginas 87-97 do livro.

primeiros meses depois do acidente, quando se discutia a evacuação das pessoas, alguém apresentou um projeto de transportar também os animais junto com as pessoas. Mas como? Como poderiam transportar todos? Talvez fosse possível transportar os que se deslocam sobre a terra. Mas e os que vivem dentro da terra, como as minhocas e os vermes? E os que vivem pelo ar? Como evacuar um pardal e uma pomba? O que fazer com eles? Não temos como lhes transmitir as informações necessárias. (Serguei Gúrin, operador de câmera cinematográfica. ALEKSIÉVITCH, 2016, página 162).

As florestas da Zona de Exclusão de Tchernóbil já não se decompõem no mesmo ritmo. Em um estudo publicado em 2014, cientistas descobriram que os micro-organismos presentes no solo também foram afetados pela radiação emanada do reator número 4 (MOUSSEAU *et al.*, 2014). Isso não significa que nada se decompõe em Tchernóbil, mas é mais um sinal de que o ambiente ali sofreu alterações praticamente irreversíveis. Os pássaros têm cérebros menores, as árvores crescem mais devagar, as folhas no chão demoram mais para apodrecer e há menos insetos (NUWER, 2014). O próprio tempo natural, estabelecido há milhões de anos no ritmo do ecossistema, foi transfigurado pela ação humana através da radiação. Nem mesmo os animais, portanto, permanecem familiares nesse novo mundo.

O ser humano influencia a natureza pois é parte inerente dela. Mesmo ao organizar-se em sociedade, o convívio com outros animais ainda é elemento constante na vida humana - seja através da manutenção de animais de estimação e de fazenda, da caça de animais selvagens ou da presença de pássaros e insetos nas grandes cidades. De fato, como já colocou Chakrabarty (2013), o ser humano na modernidade já se tornou uma força tão potente em sua capacidade de intervir na natureza que a ação do homem já pode ser tida como um agente geológico, cujos atos afetam o planeta por inteiro. Nessa condição, a linha que um dia separou o que era “do homem” do que era “do animal” se torna a cada momento mais tênue. O sofrimento animal e o sofrimento humano estão, portanto, profundamente conectados — uma catástrofe compartilhada (CHAKRABARTY, 2013). A ruptura da harmonia entre ser humano e natureza e a revelação do impacto que a ação humana teve no mundo natural, dos animais às plantas aos fungos, faz parte do trauma que torna Tchernóbil um ambiente tão estranho, tão não-familiar. Segundo o testemunho dos sobreviventes, nem mesmo as flores mantiveram seu aroma, e as abelhas e vespas deixaram de fazer barulho (ALEKSIÉVITCH, 2016).

Após a explosão em abril de 1986, e após a subsequente evacuação das pessoas de suas casas e da criação da Zona de Exclusão, milhares de animais domésticos permaneceram abandonados na cidade de Prípiat e nas aldeias vizinhas. É preciso lembrar que a evacuação foi

feita com urgência, e que a população acreditava que tudo duraria apenas três dias - os bichos, portanto, ficaram para trás, muitos com potes extra de água e comida. Ainda assim, muitos se recusaram a abandonar seus animais:

Entramos com os soldados numa casa de aldeia. Lá vivia uma velha sozinha.  
“Então, avó, vamos embora.”  
“Vamos, meus filhos.”  
“Então, junte suas coisas, avó.”  
Fomos aguardar na rua. E fumar. E a velha vem saindo. Traz nas mãos um ícone, um gatinho e uma trouxa. Era tudo o que trazia.  
“Avó, é proibido levar o gato. Não permitem. O pelo é radioativo.”  
“Não, meus filhos, sem o gato eu não vou. Como é que eu posso deixá-lo? Sozinho? Ele é a minha família.”  
(Relato de Serguei Gúrin, operador de câmera cinematográfica, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, página 160-161).

Eu me lembro de tudo. As pessoas foram embora, mas os gatos e cachorros ficaram. Nos primeiros dias eu levava leite para todos e dava um pedaço de pão aos cachorros. Eles haviam se postado na frente das casas e esperavam os donos. Esperaram durante muito tempo. (Relato de Zinaída Ievdokímovna Kovaliénka, residente da zona proibida, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, página 61)

Os animais de estimação que ficaram em Tchernóbil nunca foram resgatados. A solução para lidar com eles, tendo em vista a possibilidade da disseminação descontrolada da radiação através desses animais, foi a morte. Liquidadores foram mandados para a Zona de Exclusão com instruções para executar qualquer animal que aparecesse — fosse ele um bicho selvagem ou um gato de estimação. Os corpos eram então enterrados em valas. Nas memórias dos liquidadores é possível perceber o desconforto e o incômodo de ter que atirar em animais que, até pouco tempo atrás, eram considerados companheiros e até família:

Da primeira vez que estivemos lá, encontramos os cachorros junto às casas, de guarda. Esperando por seus donos. Quando nos viram, se alegraram, atenderam à voz humana. Vieram nos receber. Liquidamos todos eles a tiros, nas casas, nos pátios, nas hortas. Carregamos os cadáveres para o caminhão. Não era agradável, claro. Os animais não podiam entender por que disparávamos. Era fácil matá-los. Eram animais domésticos, não temiam as armas nem os homens. Atendiam à voz humana.

“É melhor atirar de longe para não ver os olhos.”  
“Mais vale apontar bem e matar de vez.”  
“Isso para nós, que somos gente e entendemos, mas eles apenas vivem. ‘Despojos andantes’.”  
“Os cavalos... Levaram ao matadouro. Eles choravam.”  
(Relato do presidente da Sociedade Recreativa dos Caçadores e Pescadores de Jóniki, Víktor Ióssifovitch Verjicóvski, e dois caçadores: Andrei e Vladímir, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, páginas 140-143)

Entre os relatos, é comum encontrar a ideia de que os animais não eram capazes de entender o que estava acontecendo, e que seria impossível comunicar a eles a razão dos tiros, da evacuação, da destruição de seu mundo. A situação dos animais, todavia, funciona aqui como um espelho da situação humana: afinal, quem era capaz de entender o que acontecia em Tchernóbil? A população local também assistia, impotente, ao seu mundo ser destruído sem maiores explicações. Apesar de não poderem falar, os animais, assim como os moradores de Prípiat e da região, não foram poupados da entrada brutal no tempo histórico. A radiação, nesse caso, age como o grande equalizador não poupa vida alguma. Uma das sobreviventes, que há sete anos voltou a morar sozinha em sua antiga casa, comenta que já não espanta nem as gralhas que lhe roubam os ovos do celeiro, pois suas desgraças agora são as mesmas (ALEKSIÉVITCH, 2016, página 60). Para aqueles que ainda residem na Zona de Exclusão, a natureza é a companhia que restou nesse universo incompreensível:

Vou contar como me encontrei com o gatinho. O meu Vaska tinha desaparecido. Espero por ele um dia, dois... um mês. Enfim, eu tinha ficado completamente só. Não havia ninguém com quem falar. Um dia, decido correr a aldeia pelos jardins vizinhos e vou chamando: Vaska, Murka. Vaska! Murka! Nos primeiros tempos se viam muitos deles, depois sumiram. Foram exterminados. A morte não perdoa. A terra cobre todos. Caminhei por ali um dia, dois, sempre chamando. No terceiro dia, eu o vejo sentado junto ao armazém. Olhamos um para o outro. Eu fiquei alegre e ele também, mas não demonstrou. “Bem, vamos para casa.” Ele não se move. Eu digo: “O que você vai fazer aqui sozinho? Os lobos vão te devorar. Vão te fazer em pedacinhos. Venha. Eu tenho ovos e toucinho”. Como explicar? Se o gato não entende a língua humana, então como esse me entendeu? Eu andava na frente e ele me seguia. Miau. “Vou te dar um pedaço de toucinho.” Miau. “Vamos viver juntinhos.” Miau. “Vou te chamar Vaska.” Miau. E já atravessamos dois invernos juntos. (Relato de Zinaída Ievdokímovna Kovaliénka, residente na zona proibida, em: ALEKSIÉVITCH, 2016, página 63-64)

Se o ser humano é parte integral da natureza, isso significa que qualquer mudança que afete o ambiente também irá o afetar. Tchernóbil existe hoje também como uma lembrança de que a capacidade humana de construção e destruição não existe num vácuo, e que, por mais que possa se tentar enterrar as memórias, não é possível enterrar as consequências das catástrofes que a humanidade causa. Essas consequências sobrevivem no solo, nas folhas, aparecem como fungos radioativos moldados pelo ambiente. A natureza se lembra, e continuará se lembrando pelos próximos vinte mil anos. Não haverá outro mundo.

Desapareceram os besouros de maio. E até hoje, não tem nenhum. Pode ser que eles voltem daqui a cem anos, mil anos, como diz o nosso professor. Mas nem eu vou poder ver. Eu que só tenho nove anos.

E a minha vó, então, que está velhinha? (Parte do coro das crianças. ALEKSIÉVITCH, 2016, página 345)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora já não podemos mais crer, como os heróis de Tchékov, que dentro de cem anos o ser humano será maravilhoso. Que a vida será maravilhosa! Esse futuro nós já perdemos. [...] Antes de tudo, em Tchernóbil se recorda a vida ‘depois de tudo’: objetos sem o homem, paisagem sem o homem. Estradas para lugar nenhum, cabos para parte alguma. Você se pergunta o que é isso: o passado ou o futuro? Algumas vezes, parece que estou escrevendo o futuro... (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 51)

Tchernóbil foi uma catástrofe. É difícil livrar-se da sensação de que Aleksiévitich estava certa: a humanidade adentrou a era das catástrofes, e Tchernóbil continuará se repetindo. Essa percepção se reforça a cada momento que se leva em consideração a meia-vida dos elementos radioativos, que permanecerão presentes por mais tempo do que o ser humano é capaz de conceber, e a cada instante em que os indivíduos e os Estados nacionais se recusam a reconhecer o impacto da ação do homem sobre o planeta, continuando a agir como se o ambiente em que vivem fosse eterno e imutável. Contudo, aqueles que se agarram à fantasias de que haverá algum escape das consequências das catástrofes ambientais e humanas estão ativamente vivendo em negação: falando sobre o aquecimento global, Chakrabarty (2013) coloca que, por mais que mudanças climáticas e geológicas muitas vezes reforcem a desigualdade social já existente, não haverá nenhum bote salva-vidas para os mais ricos e poderosos — a espécie humana estará, como um todo, compartilhando a mesma sensação de desgraça. Tchernóbil é um marco nesse entendimento da força geológica do homem ao demonstrar exatamente essa impossibilidade de reverter o dano causado: seria impossível limpar toda a radiação que foi escarrada pelo núcleo do reator número 4, e, mesmo com todas as medidas de contenção tomadas, os resíduos radioativos continuarão a afetar gerações.

A impossibilidade de se voltar ao que existia antes não significa, todavia, a impossibilidade de um imaginar um futuro diferente. Essa concepção é crucial para qualquer trabalho historiográfico. Walter Benjamin escreve em sua sexta tese que

O dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence somente àquele historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN apud LÖWY, 2005, p. 65)

Desistir de criar novos futuros é permitir que o sofrimento dos mortos — e também dos sobreviventes, no caso de Tchernóbil — seja enterrado e falsificado pela narrativa dos vitoriosos e daqueles que se negam a perceber o massacre sobre o qual estão erguendo seus castelos. O que

Benjamin propõe é uma organização do pessimismo (LÖWY, 2005): não se pode confiar que as coisas irão melhorar, mas essa desconfiança quanto ao futuro, ao invés de gerar apenas uma melancolia acomodada, pode ser combustível para a ação e para a criação de uma nova narrativa que traz significado para a vida a partir daí. Esse tipo de pessimismo revolucionário está vivo em Tchernóbil, através dos relatos coletados por Aleksiévitich e das lembranças dos sobreviventes, e está vivo quando se entende que a vida humana não é insignificante. Cada testemunho demonstra que a memória é algo muito precioso e poderoso, e que cada vida é perpassada por amores e mistérios e sofrimentos. Ouvi-los é, portanto, um antídoto para a melancolia e para o conformismo, pois eles contêm as sementes para reencantar a realidade para além do determinismo que prescreve a inevitabilidade das catástrofes e a imutabilidade do ser humano.

## FONTES

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Vozes de Tchernóbil*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: Destrução da experiência e origem da História*, 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 11

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BEZPIATCHUK, Zhanna. The people who moved to Chernobyl. *BBC News*, outubro de 2018. Disponível em: [https://www.bbc.co.uk/news/resources/idt-sh/moving\\_to\\_Chernobyl](https://www.bbc.co.uk/news/resources/idt-sh/moving_to_Chernobyl). Acesso em 29 de setembro de 2021.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAKRABARTY, Dipesh. *O Clima Da História: Quatro Teses*. In: Sopro 91, 2013. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n91s.pdf>. Acesso em 11 de abril de 2021.

CHERNOBYL - Sinta a Radiação. Direção: Bradley Parker. Los Angeles: Alcon Entertainment, 2012. 88 minutos. Disponível em: Amazon Prime Video. Acesso em 25 de setembro de 2021.

HARRELL, Eben; MARSON, James. Apocalypse Today: Visiting Chernobyl, 25 Years Later. *Time Magazine*, abril de 2011. Disponível em: <http://content.time.com/time/health/article/0,8599,2067562,00.html>. Acesso em 03 de março de 2021.

ISAAC, R. K., ÇAKMAK, E. Understanding visitor's motivation at sites of death and disaster: the case of former transit camp Westerbork, the Netherlands. *Current Issues in Tourism*, Reino Unido, vol. 17, n. 2, p. 164-179, março de 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13683500.2013.776021>. Acesso em 27 de setembro de 2021.

JABLONKA, Ivan. *History is a Contemporary Literature: Manifesto for the Social Sciences*. Nova Iorque: Cornell University Press, 2018.

JENKINS, Henry. *Invasores do texto: fãs e cultura participativa*. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.

KOSELLECK, Reinhardt. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUCRio, 2006.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MEDVEDEV, Zhores. *The legacy of Chernobyl*. 1ª ed. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1990.

MOUSSEAU, T.A.; MILINEVSKY, G.; KENNEY-HUNT, J. *et al.* Highly reduced mass loss rates and increased litter layer in radioactively contaminated areas. *Oecologia*, v. 175, p. 429–437. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00442-014-2908-8>. Acesso em 29 de setembro de 2021.

NUWER, Rachel. Forests Around Chernobyl Aren't Decaying Properly. *Smithsonian Magazine*, março de 2014. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/science-nature/forests-around-chernobyl-arent-decaying-properly-180950075/?no-ist>. Acesso em 29 de setembro de 2021.

PERROW, Charles. Getting to Catastrophe: Concentrations, Complexity and Coupling. *The Montréal Review*, dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.themontrealreview.com/2009/Normal-Accidents-Living-with-High-Risk-Technologies.php>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2021.

\_\_\_\_\_. *Normal Accidents: Living with High Risk Technologies*. New Jersey: Princeton University Press, 1999, p. 70.

PINKHAM, Sophie. Witness Tampering: Nobel laureate Svetlana Alexievich crafts myths, not histories. *The New Republic*, agosto de 2016. Disponível em: <https://newrepublic.com/article/135719/witness-tampering>. Acesso em 06 de outubro de 2021.

POMIAN, Krzysztof. *Catástrofes*. In: Enciclopédia Einaudi, volume 29, Tempo/Temporalidade. 1993.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, tomo I. Campinas: Papirus Editora, 1994, p. 112-114.

SEIXAS, Jacy. “Vozes de Tchernóbil - o tempo suspenso, o horror e a linguagem da memória e do esquecimento”. *Gragoatá*, Niterói, v.23, n. 47, dezembro de 2018, p. 737-751.

SIMON, Zoltán Boldizsár. *History in Times of Unprecedented Change*. 1ª ed. Londres: Bloomsbury Academic, 2019.

THE BABUSHKAS of Chernobyl. Direção: Anne Bogart e Holly Morris. Nova Iorque: Chicken and Egg Pictures, 2015. 70 minutos. Disponível em: Kanopy - Kansas City Public Library. Acesso em 24 de setembro de 2021.